

Desempenho da economia gaúcha em 2012*

Cecília Rutkoski Hoff**

Economista da FEE e Professora da PUCRS

Martinho Lazzari***

Economista da FEE

Resumo

O objetivo deste texto é analisar o desempenho da economia do Rio Grande do Sul em 2012, a partir dos dados do Produto Interno Bruto (PIB) trimestral divulgados pela Fundação de Economia e Estatística (FEE). Em 2012, o PIB gaúcho apresentou queda de 1,8%, influenciado negativamente pela estiagem e pela desaceleração da indústria.

Palavras-chave: economia gaúcha; contas regionais; estiagem.

Abstract

The aim of this article is analyze the economy of Rio Grande do Sul in 2012 using the Quarterly Gross Domestic Product measured by the Fundação de Economia e Estatística (FEE). In 2012, the GDP of the RS was reduced by 1.8%, influenced negatively by the drought and by slowdown of industry.

Key words: economy of Rio Grande do Sul; regional Account; drought.

1 Introdução

A Fundação de Economia e Estatística (FEE) iniciou, em 2012, a divulgação do Produto Interno Bruto (PIB) trimestral do Estado. O cálculo ao longo do ano é feito somente em volume, com os valores nominais sendo calculados quando do encerramento do ano, ou seja, no quarto trimestre. Sendo assim, em março de 2013, foram publicados os valores anuais do PIB, do PIB *per capita*, do Valor Adicionado Bruto (VAB) total e dos impostos, além das taxas anuais de crescimento do PIB, do PIB *per capita* e do VAB das

principais atividades¹. O objetivo deste texto é, a partir desses dados e de outras informações complementares, analisar o desempenho da economia gaúcha em 2012, que foi um ano marcado por três efeitos negativos principais: a estiagem, a desaceleração da economia brasileira e a redução da demanda pelas exportações do Estado. Como resultado, o PIB do Rio Grande do Sul apresentou queda de 1,8% no ano. Após esta **Introdução**, o texto segue com um exame das condições da economia brasileira (seção 2), que serve de pano de fundo para a análise da economia gaúcha, na seção 3. Na seção 4, são apresentados os desempe-

* Artigo recebido em 15 maio 2013.
Revisora de Língua Portuguesa: Susana Kerschner.

** E-mail: cecilia@fee.tche.br

*** E-mail: lazzari@fee.tche.br

¹ A responsabilidade do trabalho é do Núcleo de Contas Regionais (NCR) da FEE, composto por Carlos Bertolli de Gouveia, Carolina Agranonik, Eliana Figueredo da Silva, Jéfferson Augusto Colombo, Juárez Meneghetti, Martinho Lazzari, Rodrigo de Sá da Silva, Sérgio Fischer e Vinícius Dias Fantinel.

nhos dos setores da agropecuária, da indústria e dos serviços. Na quinta seção, é feita uma breve comparação entre os efeitos das estiagens de 2005 e de 2012 sobre o restante da economia. As **Considerações finais** retomam os pontos mais importantes do texto.

2 O ambiente econômico brasileiro

Em 2012, a economia brasileira repetiu o quadro de semiestagnação vigente em 2011. Ainda que se tenha observado alguma recuperação do nível de atividade ao longo do ano, esta foi lenta e não suficiente para sinalizar a retomada de uma trajetória consistente de crescimento econômico. Pelo lado da oferta, o crescimento baixo resultou, principalmente, da estiagem que atingiu as Regiões Sul e Nordeste do País e da estagnação da produção industrial, em especial da indústria de transformação. Pelo lado da demanda, destacam-se as quedas da Formação Bruta de Capital Físico (FBCF) e a desaceleração das exportações, enquanto o consumo agregado (das famílias e do Governo) continuou registrando crescimento, embora moderado.

A estagnação econômica observada a partir do segundo semestre de 2011 resultou tanto da adoção de políticas econômicas contracionistas quanto do agravamento do cenário internacional. Dentre as medidas, destacam-se o ajuste fiscal conduzido no início daquele ano e a adoção de medidas macroprudenciais, que resultaram em um crescimento mais lento do crédito, especialmente para o consumo de bens duráveis. No cenário internacional, prevaleceram dúvidas sobre a capacidade de recuperação dos países desenvolvidos e volatilidades derivadas das dificuldades dos países da periferia do euro, além da ampliação da competição externa pelos mercados consumidores em expansão. Dada a intensidade da desaceleração do nível de atividade no Brasil, as medidas contracionistas foram substituídas, ao longo de 2012, por uma postura mais expansionista, que envolveu a desvalorização cambial e uma redução acentuada da taxa de juros, além de uma série de desonerações para a indústria. A resposta da economia a essas medidas, porém, tem sido lenta.

Decompondo-se o resultado de 2012 setorialmente, tem-se que o crescimento de 0,9% do PIB no ano decorre das quedas de 2,3% do Valor Adicionado Bruto da agropecuária e de 0,8% do VAB da indústria, com destaque para a redução de 2,5% da indústria de

transformação, e de um crescimento moderado de 1,7% nos serviços. Neste último setor, destacam-se o crescimento lento do comércio (1,0%) e dos transportes (0,5%), bem como a forte desaceleração observada na atividade de intermediação financeira, que registrou crescimento de apenas 0,5% no ano, contra uma média de cerca de 9,0% no período entre 2005 e 2011. Enquanto a desaceleração do comércio e dos transportes pode ser atribuída à queda dos demais setores, a desaceleração nos serviços de intermediação financeira se deve, em grande medida, à mudança estrutural de redução de *spreads* na economia brasileira.

Pelo lado da demanda, a queda da indústria pode ser explicada pela redução dos investimentos e pela desaceleração das exportações. Por outro lado, apesar de o consumo agregado ter apresentado um crescimento moderado, este foi atendido em parte pela redução de estoques. A FBCF reduziu-se em 4,0%, após ter crescido 4,7% em 2011 e 21,3% em 2010. Há evidências de que a expansão dos investimentos em 2010, combinada com a redução do ritmo de crescimento da demanda no período subsequente, gerou um excesso de capacidade que ainda não foi completamente absorvido. As incertezas associadas ao cenário internacional também podem, de alguma forma, ter afetado os investimentos, e as dificuldades de retomada do investimento público ao longo do ano passado também contribuíram, ainda que em menor grau, para essa redução.

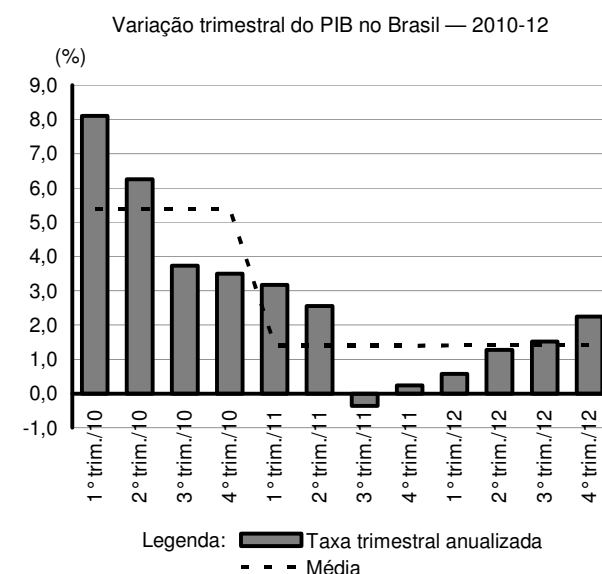
As exportações de bens e serviços cresceram apenas 0,5% em 2012, após expansão de 4,5% em 2011 e de cerca de 9,0% ao ano, em média, no período anterior à crise internacional. Esse desempenho reflete, de um lado, a redução do ritmo de crescimento da demanda mundial, em particular a estagnação nos países desenvolvidos, e a desaceleração nos países emergentes, como China e Índia. Desse contexto, destaca-se a queda do volume exportado pela indústria extrativa (-3,2%, segundo índice calculado pela FEE), devido à redução das vendas externas de minério de ferro e petróleo. Há que se acrescentar, também, que, no ano de 2012, as exportações do País foram afetadas pelo aumento das barreiras comerciais na Argentina e pela estiagem, que afetou as vendas externas de grãos. Por fim, o resultado das exportações também refletiu as dificuldades competitivas enfrentadas pelas empresas brasileiras, que ficaram mais claras no cenário externo atual, de maior competição pelos mercados, e que não foram integralmente compensadas pela depreciação cambial.

O crescimento de 3,1% do consumo privado em 2012 foi inferior à média de cerca de 5,0% observada

entre 2005 e 2011. O ritmo moderado de crescimento do consumo, apesar das várias medidas de estímulo, reflete tanto o maior comprometimento da renda das famílias com o serviço da dívida (média de 22,5% em 2012, contra 21,2% em 2011 e 19,3% em 2010) quanto algum esgotamento do ciclo de consumo de bens duráveis. Por outro lado, a expansão de 3,0% do consumo agregado (incluindo o Governo) permitiu um crescimento modesto de 1,7% da demanda doméstica em 2012, apesar da queda da FBCF. Essa expansão, porém, não foi suficiente para induzir um crescimento proporcional da produção. Tendo em vista que o crescimento das importações no período foi nulo, o descompasso entre produção e demanda aponta para a redução de estoques no período. Esse fenômeno é corroborado pelos indicadores de faturamento da indústria, que registraram crescimento superior ao da produção.

Nesse contexto, após uma expansão de 7,5% em 2010, a taxa de crescimento média do PIB brasileiro desacelerou-se para 2,7% em 2011 e 0,9% em 2012. Esses resultados, porém, não refletem exatamente a dinâmica observada ao longo de cada ano, discrepância que resulta do carregamento estatístico associado ao cálculo da variação do PIB pela média anual em relação à média do ano anterior. Conforme pode ser observado no Gráfico 1, a taxa de crescimento trimestral² já mostrava desaceleração ao longo de 2010, reduzindo-se de 8,0% (variação anualizada) no primeiro trimestre para 3,5% no último trimestre, comportamento que resultou em um crescimento acumulado de 5,3% ao longo do ano³. No primeiro semestre de 2011, a economia continuou o processo de desaceleração, que se intensificou no segundo semestre. O crescimento médio ao longo de 2011 foi de 1,4%. Em 2012, o PIB voltou a mostrar recuperação. Porém, essa recuperação foi bastante modesta, de 1,4%, em média, no ano, alcançando 2,2% no último trimestre.

Gráfico 1



FONTE: IBGE, Coordenação de Contas Nacionais.

NOTA: Série com ajuste sazonal; variação anualizada.

Em suma, em 2012, teve início na economia brasileira um processo de recuperação do nível de atividade. Porém, o ritmo de crescimento tem-se mostrado bastante inferior ao observado nos anos anteriores. Dentre as razões, aponta-se, em especial, a dificuldade de recuperação da indústria de transformação. Esta, por sua vez, reflete a ampliação das dificuldades associadas ao cenário internacional, o crescimento mais lento do consumo e um excesso de capacidade acumulado no ciclo de crescimento e investimento de 2010.

3 Desempenho econômico do Rio Grande do Sul

Segundo a FEE, o PIB do Rio Grande do Sul, a preços constantes, apresentou queda de 1,8% em 2012 (Tabela 1). O valor corrente alcançou R\$ 296.343 milhões. Já o PIB *per capita* atingiu R\$ 27.514, com variação negativa de 2,2% a preços constantes. O desempenho negativo esteve, de modo geral, relacionado a três importantes adversidades: as dificuldades de recuperação da economia brasileira, em grande medida associadas à crise internacional; a estiagem, que afetou fortemente as lavouras de verão; e o cenário externo de redução da demanda pelas exportações do Estado.

² Taxa de crescimento do trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal.

³ A taxa de crescimento ao longo do ano pode ser obtida pela razão entre o nível de produção alcançado no último trimestre e o nível de produção alcançado no último trimestre do ano anterior, ou então pelas taxas trimestrais (em relação ao trimestre imediatamente anterior) acumuladas ao longo do ano. A taxa de crescimento média do ano é obtida pela razão do nível médio de produção de um ano em relação ao nível médio de produção do ano anterior.

Tabela 1

Taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e do Valor Adicionado Bruto (VAB), por setores de atividade, do Rio Grande do Sul e do Brasil — 2011 e 2012

DISCRIMINAÇÃO	RIO GRANDE DO SUL			BRASIL
	2011	2012	2012	
PIB	5,1	-1,8	0,9	
VAB				
Agropecuária	18,7	-27,6	-2,3	
Indústria	2,8	-2,3	-0,8	
Indústria de transformação	2,4	-4,5	-2,5	
Construção civil	4,2	2,3	1,4	
Serviços	4,5	2,6	1,7	
Comércio e serviços de manuten- ção e reparação	5,5	1,3	1,0	
Transportes, armazenagem e cor- reio	5,7	4,3	0,5	
Atividades imobiliárias e aluguel ...	2,6	2,5	1,3	
Administração, saúde e educação públicas	3,3	3,7	2,8	

FONTE: FEE, Centro de Informações Estatísticas, Núcleo de Contas Regionais (FEE, 2011a, 2012a).
IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais (IBGE, 2012).

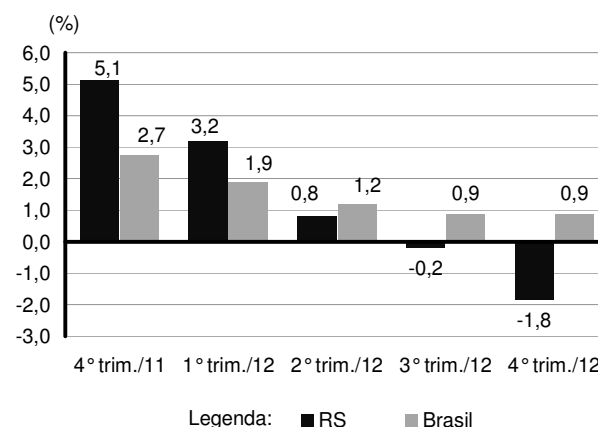
O desempenho da economia gaúcha para além do prazo conjuntural está atrelado aos ciclos da economia brasileira. O Estado está sujeito a uma política econômica unificada, conduzida pelo Governo Federal, e também às mesmas condições de inserção externa. Responde aos mesmos estímulos monetários, creditícios, fiscais e cambiais que a economia brasileira. Do mesmo modo, o ramo da indústria brasileira instalada no Rio Grande do Sul mantém profundas relações comerciais com o restante da indústria nacional. Nesse contexto, pode-se afirmar que parcela relevante do desempenho econômico do Rio Grande do Sul ao longo de 2012 foi determinada pela desaceleração verificada na economia brasileira.

As divulgações do PIB trimestral ao longo do ano revelavam uma tendência firme de desaquecimento da economia gaúcha, em linha com a desaceleração observada na economia brasileira durante o mesmo período. No acumulado em quatro trimestres, a taxa de variação do PIB gaúcho, que havia fechado 2011 em 5,1%, caiu para 3,2% no primeiro trimestre de 2012, para 0,8% no segundo, para -0,2% no terceiro, e para -1,8% no fechamento do ano. Como demonstra o Gráfico 2, o curso do desaquecimento da economia gaúcha seguiu o da nacional. Se a tendência foi a mesma, as intensidades, no entanto, foram bem diferentes. A queda verificada no Estado foi muito maior, fazendo com que, ao final do ano, o PIB do Estado

registrasse retração em meio a um cenário de, mesmo que reduzido, crescimento nacional (0,9%).

Gráfico 2

Taxas de crescimento do Produto Interno Bruto, acumuladas em 12 meses, do Rio Grande do Sul e do Brasil — 2011-12



FONTE: FEE, Centro de Informações Estatísticas, Núcleo de Contas Regionais.
IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais.

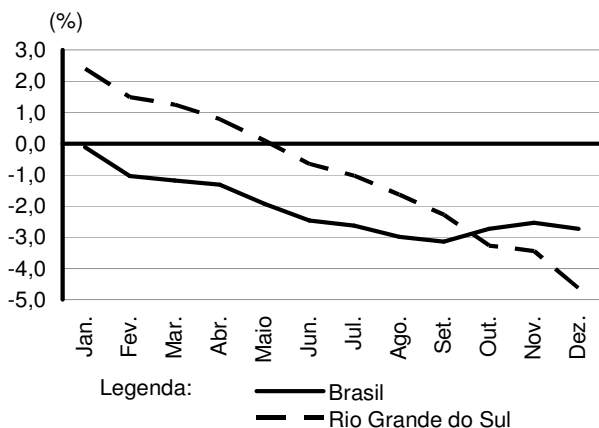
A primeira e principal causa para a descolagem do desempenho gaúcho do nacional em 2012 foi a estiagem. Após três anos de ausência, o fenômeno climático afetou com grande força as lavouras cultivadas durante o verão. Houve expressivas quebras de safra na soja, no milho e no fumo principalmente. A redução do VAB da agropecuária foi de 27,6%. O impacto foi de tal intensidade que acabou por influenciar o próprio setor nacional, que registrou queda de 2,3% no ano. Por si só, esse impacto negativo já seria suficiente para afastar o desempenho da economia gaúcha da tendência nacional. Entretanto, os efeitos da estiagem foram sentidos também na indústria de transformação.

Durante os primeiros meses do ano, a indústria de transformação do Estado, de acordo com dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM-PF), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012c), ainda apresentou, no acumulado em 12 meses, taxas positivas, ao passo que a indústria nacional já vinha com quedas, também na taxa acumulada em 12 meses, desde janeiro (Gráfico 3). O carregamento de taxas de crescimento de 2011 acima da média nacional e a forte expansão da produção de máquinas e equipamentos, já em 2012, garantiram o crescimento do setor durante o começo do ano. Mesmo que em tendência declinante, apenas em junho a indústria gaúcha passou a apresentar taxa negativa. Daí em diante, no entanto, o desaquecimento intensificou-se com mais força. Em outo-

bro, a queda da produção estadual, em 12 meses, já era maior que a nacional.

Gráfico 3

Taxas de crescimento da produção da indústria de transformação, acumuladas em 12 meses, do Rio Grande do Sul e do Brasil — 2012



FONTE: IBGE, Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física.

Duas causas contribuíram sobremaneira para que a indústria de transformação do Rio Grande do Sul desacelerasse mais depressa que a nacional ao longo de 2012: os efeitos da estiagem sobre as atividades industriais e a redução da demanda internacional, notadamente da Argentina. Principalmente a partir de abril, quando a colheita da soja é intensificada e parte direcionada para as indústrias de esmagamento, a atividade de alimentos passou a sentir mais fortemente os efeitos negativos da estiagem. A outra atividade que sofreu com a falta de oferta de matéria-prima agrícola foi a do fumo. As exportações da indústria de transformação diminuíram 7,4% em volume no ano, com reduções em quase todos os setores. As restrições impostas pela Argentina aos produtos gaúchos afetaram mais especificamente os desempenhos de calçados e artigos de couro, produtos químicos e borracha e plástico. Foi nesse cenário que a indústria de transformação gaúcha apresentou queda de 4,5%, contra redução de 2,5% da nacional.

As maiores quedas verificadas nos setores da agropecuária e da indústria de transformação gaúcha, relativamente à nacional, explicam a desaceleração mais intensa da economia do Estado em 2012. Por outro lado, os setores da construção civil e dos serviços do Rio Grande do Sul, embora também tenham passado por um desaquecimento importante em linha com o Brasil, fecharam o ano com crescimento acima da média nacional (Tabela 1).

A demanda externa sempre é importante para explicar o desempenho da economia gaúcha. Em 2012, a queda verificada nas exportações do Rio Grande do Sul se somou às causas internas para explicar o desempenho negativo do PIB. No acumulado do ano, o Rio Grande do Sul exportou US\$ 17,4 bilhões, com quedas no valor (-10,5%) e no volume (-11,1%) — Tabela 2. A participação nas exportações nacionais caiu para 7,2%, fazendo o Estado perder a quarta posição entre os maiores exportadores para o Paraná. Setorial e geograficamente, houve reduções das vendas de produtos agrícolas para a China e de produtos industrializados para a Argentina principalmente. Entre os 10 principais países de destino, houve redução das exportações para nove deles (China, Argentina, Estados Unidos, Holanda, Paraguai e Alemanha, Uruguai, Bélgica e Venezuela), responsáveis (os nove) por mais de 50% das exportações em 2011 (Tabela 3).

O desaquecimento da economia refletiu no desempenho do mercado de trabalho do Rio Grande do Sul. Os indicadores foram positivos, mas o ritmo de melhora diminuiu. A criação (saldo entre admissões e demissões) de empregos formais caiu para 82.577, uma redução de 33,1% em relação a 2011 (Tabela 4). Do mesmo modo, a taxa de desemprego da Região Metropolitana de Porto Alegre manteve sua tendência de queda (fechou 2012 em 7,0%), mas a variação verificada entre as taxas de 2012 e 2011 não foi tão grande quanto havia sido a de 2011 em relação a 2010.

Tabela 2

Valor, variação de valor, volume e preço das exportações do Brasil e de estados selecionados — 2011 e 2012

BRASIL E ESTADOS	2011		2012		VARIAÇÃO %		
	Valor (US\$ 1 000)	Participação %	Valor (US\$ 1 000)	Participação %	Valor	Volume	Preço
Brasil	256.039.575	100,0	242.579.776	100,0	-5,3	1,0	-6,2
São Paulo	59.909.271	23,4	59.349.640	24,5	-0,9	5,3	-5,9
Minas Gerais	41.392.937	16,2	33.429.307	13,8	-19,2	-5,3	-14,7
Rio de Janeiro	29.445.494	11,5	28.761.112	11,9	-2,3	-1,2	-1,1
Paraná	17.394.228	6,8	17.709.585	7,3	1,8	2,5	-0,7
Rio Grande do Sul	19.427.102	7,6	17.385.706	7,2	-10,5	-11,1	0,6
Pará	18.336.604	7,2	14.795.449	6,1	-19,3	-1,7	-17,9
Mato Grosso	11.099.523	4,3	13.864.959	5,7	24,9	20,1	4,0
Espírito Santo	15.158.503	5,9	12.160.681	5,0	-19,8	-8,6	-12,2
Bahia	11.016.299	4,3	11.267.769	4,6	2,3	-2,2	4,6
Santa Catarina	9.051.047	3,5	8.920.667	3,7	-1,4	1,0	-2,4

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex (Brasil, 2013).
FEE (2011, 2012).

Tabela 3

Principais países de destino das exportações
do Rio Grande do Sul — 2011 e 2012

PAÍSES	2011	2012
China	17,4	16,5
Argentina	10,2	8,9
Estados Unidos	7,1	7,8
Holanda	3,6	3,7
Paraguai	3,2	3,0
Alemanha	2,8	2,9
Chile	2,0	2,7
Uruguai	2,5	2,6
Bélgica	2,5	2,4
Venezuela	2,3	2,2
Outros	46,4	47,4
TOTAL	100,0	100,0

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex (Brasil, 2013).
FEE (2011, 2012).

Tabela 4

Taxa de desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre e criação de empregos formais no
Rio Grande do Sul — 2010-12

ANOS	TAXA DE DESEMPREGO (%)	NÚMERO DE EMPREGOS FORMAIS CRIADOS
2010	8,7	181.891
2011	7,3	123.487
2012	7,0	82.577

FONTE: PED-RMPA, Caged – MTE (Informe..., 2013).

4 Desempenhos setoriais

A participação da agropecuária era, em 2011, de 10,5% do VAB total do Rio Grande do Sul (Tabela 5). No momento da plantação da safra de 2012, a expectativa era muito boa por parte dos agricultores gaúchos. Preços compensadores e três safras seguidas (2009, 2010 e 2011) sem frustrações por parte do clima estimularam o aumento da área plantada de soja, principal produto agrícola do Estado. A safra de 2011 havia sido a maior de todos os tempos. É a partir dessa alta base de comparação que se explica o tamanho da queda (-27,6%) do VAB da agropecuária verificada em 2012. A estiagem, que não afetava a agricultura gaúcha desde 2008, foi de intensidade somente comparável com a de 2005. Percentualmente, a retração de 2012 é a maior em toda a série do PIB gaúcho desde 1986.

Tabela 5

Estrutura do Valor Adicionado Bruto (VAB), por setores de atividade, do Rio Grande do Sul — 2011

SETORES E/OU ATIVIDADES	COMPOSIÇÃO %
Total do VAB	100,0
Agropecuária	10,5
Indústria	28,3
Indústria de transformação	19,7
Construção civil	5,5
Demais indústrias	3,2
Serviços	61,2
Comércio e serviços de manutenção e reparação	13,2
Transportes, armazenagem e correio	5,4
Atividades imobiliárias e aluguel	6,3
Administração, saúde e educação públicas	15,3
Demais serviços	20,9

FONTE DOS DADOS BRUTOS: FEE/Núcleo de Contas Regionais.

NOTA: Estimativas preliminares.

A maior queda de produção ocorreu na soja, o produto de maior peso na estrutura da agricultura gaúcha. A área colhida, que cresceu 2,0%, apresentou recuo de 50,3% na produtividade (Tabela 6). Como consequência, a produção caiu 49,3%. Tendo sido a soja o principal produto de exportação do Estado em 2011, o impacto da menor oferta refletiu-se pesadamente nas vendas externas de 2012. Foram embarcadas 3.587 mil toneladas, volume 38,9% menor que o do ano anterior. Com preços mais altos no mercado internacional, o valor recuou menos, -33,2%. A importância da soja é tanta que a redução das vendas do grão respondeu por quase a metade (48,3%) da queda das exporta-

ções totais do Estado (Tabela 7). Já a queda no volume exportado (-40,0%) da oleaginosa contribuiu com mais da metade do total da queda em volume das exportações estaduais em 2012. As exportações dos produtos industrializados a partir da soja também caíram. As vendas de óleo de soja e de farelo de soja diminuíram 8,9% em valor em 2012 em relação a 2011. Em volume, as vendas de óleo de soja caíram 20,7%, e as de farelo de soja, 15,8%. Como em anos anteriores, a China foi o principal mercado consumidor para as exportações do complexo da soja do Estado.

Outro produto agrícola também severamente atingido pela estiagem foi o milho. O cultivo do cereal, que novamente cedeu área para a soja, apresentou redução expressiva na produtividade (-40,3%), resultando numa queda de 45,3% na produção. As perdas do fumo foram menos intensas. A produção diminuiu 20,5%, causada tanto pelo decréscimo da área colhida (-9,5%) quanto pelo da produtividade (-12,2%). A quantidade produzida de feijão também caiu, -28,7%, decorrência da menor área plantada (-9,7%) e da menor produtividade (-20,4%).

O segundo produto agrícola mais importante no Estado, o arroz, praticamente não foi atingido pela estiagem. Como é plantado em áreas irrigadas, sua produtividade caiu apenas 3,2% em 2012, na comparação com a produtividade recorde do ano anterior. A redução da produção, de 14,0%, é explicada, portanto, mais pela menor área plantada e colhida. O excesso de oferta, em decorrência da supersafra de 2011, havia causado queda dos preços do arroz no mercado interno. Como consequência, a área plantada pelos produtores gaúchos diminuiu mais de 127 mil hectares, uma redução de 10,9%. A menor oferta em 2012 refletiu-se no aumento dos preços internos do arroz.⁴ Maior atratividade do mercado interno resultou em queda das exportações, para 1.055 mil toneladas⁵, redução de 17,1% sobre 2011.

O principal produto do inverno, o trigo, também apresentou redução de produção. A área plantada até aumentou, mas a queda da produtividade (-34,1%) fez a quantidade colhida cair 32,0%. As quebras de safra foram abrangentes. Dos 14 produtos levantados pelo IBGE, apenas a banana apresentou aumento de produção em 2012.

A indústria participava, em 2011, com 28,3% do VAB do Estado (Tabela 5). Dos quatro subsetores, o principal, com 19,7%, era a transformação, seguida pela construção civil (5,5%) e por demais indústrias

⁴ Ver Tabela 12.

⁵ Arroz em casca e arroz industrializado.

(3,2%). O setor encolheu 2,3% em 2012, desempenho inferior ao do ano anterior, quando havia crescido 2,8%, e mesmo inferior ao desempenho do Brasil, com queda de 0,8% (Tabela 1).

A indústria de transformação do Rio Grande do Sul apresentou queda de 4,5% em 2012 (Tabela 1). Como analisado no Gráfico 3, a atividade foi desacelerando ao longo de todo o ano, como resultado de, basicamente, três causas: estiagem, desaquecimento da indústria nacional e menor demanda pelas exportações. Das 14 atividades industriais pesquisadas pelo IBGE, nove apresentaram retração em 2012.

Os desempenhos de duas atividades, a de alimentos e a do fumo, estiveram intrinsecamente ligados à redução da oferta de matérias-primas agrícolas ocasionada pela estiagem (Tabela 8). A atividade de alimentos recuou 9,9% em 2012, e, embora tenha seu desempenho também ligado à própria retração nacional da atividade, a intensidade de sua queda só pode ser explicada pela redução no ritmo produtivo das empresas alimentícias que industrializam produtos primários. O reflexo da menor produção foi a também diminuição das exportações ligadas à atividade. O volume vendido caiu 9,6%, e o valor, 8,2%, um decréscimo de mais de US\$ 400 milhões. Quanto ao fumo, pode-se afirmar que a quase totalidade da queda apresentada pela atividade (-12,7%) foi consequência da falta de fumo em folha para ser industrializado pelas fábricas. As exportações, entretanto, aumentaram. A forte demanda da China e dos Estados Unidos elevou, em 16,8%, o volume e, em 18,0%, o valor das vendas externas.

Duas outras atividades, veículos automotores e metalurgia básica, colaram seus desempenhos ao ritmo nacional. O primeiro apresentou queda de 17,3% no Rio Grande do Sul, em linha com a retração de 13,6% da atividade brasileira. Duas causas principais explicam o péssimo ano dessa importante atividade industrial. A primeira diz respeito à existência de grandes estoques na indústria automobilística, o que fez com que a produção demorasse mais a responder aos estímulos criados pelo Governo Federal à compra de carros, via redução de impostos e aumento do crédito. A segunda razão esteve até mais ligada ao ramo gaúcho da atividade. Como, em janeiro de 2012, os caminhões vendidos no Brasil passariam a adotar motores menos poluentes e mais caros, houve antecipação de compra, por parte dos consumidores, ao final de 2011. Com isso, as vendas de caminhões e, por consequência, de implementos rodoviários, recuou fortemente nos primeiros meses de 2012. A atividade de metalurgia básica brasileira instalada no Estado acompanhou

o desempenho nacional e também recuou ao longo de 2012.

As atividades de borracha e plástico e de produtos de metal atrelaram suas quedas tanto ao menor ritmo da indústria nacional quanto à menor demanda externa por seus produtos. Já calçados e artigos de couro, celulose, papel e produtos de papel e químicos foram mais influenciados pelo mercado externo, até porque são atividades bastante dependentes da demanda internacional.

Cinco outras atividades conseguiram ir contra a maré e apresentaram crescimento em 2012. As de bebidas e de refino de petróleo cresceram em linha com o crescimento nacional. A de edição expandiu-se 5,6%, taxa superior à registrada no ano anterior e no caminho inverso ao desempenho nacional, que foi negativo. A atividade de mobiliário apresentou crescimento de 2,7%, amparado no aumento do consumo de móveis, incentivado pela redução de impostos federais.

Máquinas e equipamentos foi o grande destaque positivo, mesmo que as exportações do setor tenham apresentado queda de 14,5% em volume. Sua produção física cresceu expressivos 12,9% em meio à retração nacional da atividade. No ramo gaúcho, predominam máquinas e implementos agrícolas, que tiveram suas vendas aquecidas em função de preços agrícolas em alta. Já no ramo nacional, predominam máquinas e equipamentos ligados à formação de capital fixo da própria indústria. E como este passou por retração em 2012, a atividade fornecedora desses bens também se retraiu (-3,7%).

A construção civil gaúcha repetiu 2011 e cresceu acima da média nacional também em 2012. Entretanto a expansão deste ano representa um recuo em relação ao ano anterior. As demais indústrias cresceram 3,4%.

A criação de empregos formais na indústria, apesar de positiva, caiu consideravelmente. Os quatro subsetores somados haviam criado 34.045 empregos em 2011, recuando para um saldo de 12.663 empregos em 2012. A indústria de transformação foi a que mais se retraiu, em acordo com o seu desempenho produtivo no ano (Tabela 9).

O setor serviços participava, de acordo com os dados de 2011, com 61,2% do VAB do Estado (Tabela 5). As atividades mais importantes eram o comércio (13,2%) e a administração pública (15,3%). Em 2012, o setor serviços cresceu 2,6%, acima da média nacional, de 1,7% (Tabela 1).

O comércio cresceu 1,3%, taxa bem menor que a do ano anterior (5,5%), mas superior à brasileira em 2012 (1,0%). Quanto aos volumes de vendas apurados pelo IBGE, os destaques positivos foram hiper e

supermercados (14,0%), equipamentos de informática e de escritório (13,8%) e material de construção (12,9%) — Tabela 10. Apenas dois segmentos apresentaram taxas negativas, o de combustíveis e lubrificantes (-1,2%) e o de livros, jornais, revistas e papeleria (-0,7%). Para a manutenção do desempenho positivo da atividade comercial, contribuíram o aumento da renda e do crédito, além dos estímulos fiscais por parte do Governo Federal. Segundo dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre (PED-RMPA) (Informe..., 2013), a massa de rendimentos reais dos ocupados na RMPA cresceu 1,5%, resultado do aumento do número de trabalhadores com emprego (0,8%) e do incremento do rendimento médio real (0,7%). Já o crédito para pessoa físi-

ca, de acordo com o Banco Central, cresceu 19,7% em 2012, alcançando um saldo de R\$ 81.089 milhões em empréstimos no Rio Grande do Sul. O emprego formal no comércio também cresceu, embora menos que no ano anterior. Em 2012, foram criadas 22.264 vagas no segmento (Tabela 9). Vale notar que todos os indicadores acima recuaram em 2012, em relação a 2011.

O segmento de transportes, armazenagem e correio apresentou taxa de crescimento de 4,3%, aluguéis cresceram 2,5%, e a administração pública, 3,7%. Os demais serviços expandiram-se à taxa de 2,3%. Nos serviços de modo geral, o incremento no emprego formal foi de 46.416 vagas, e, na administração pública, houve incremento líquido de 276 empregos (Tabela 9).

Tabela 6

Área colhida, produção, produtividade e variações dos principais produtos da lavoura do Rio Grande do Sul — 2011 e 2012

PRODUTOS	2011			2012 (1)			VARIAÇÃO %		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade (t/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade (t/ha)	Área Colhida	Produção	Produtividade
Arroz	1.168.958	8.940.432	7.648	1.038.780	7.692.223	7.405	-11,1	-14,0	-3,2
Banana	12.217	89.420	7.319	12.197	110.558	9.064	-0,2	23,6	23,8
Batata-inglesa	21.888	388.967	17.771	19.685	359.001	18.237	-10,1	-7,7	2,6
Cana-de-açúcar	32.693	1.384.967	42.363	30.541	981.594	32.140	-6,6	-29,1	-24,1
Cebola	11.316	225.017	19.885	10.622	207.089	19.496	-6,1	-8,0	-2,0
Feijão	89.287	119.108	1.334	80.582	85.561	1.062	-9,7	-28,2	-20,4
Fumo	223.847	499.455	2.231	202.631	396.861	1.959	-9,5	-20,5	-12,2
Laranja	27.654	391.692	14.164	27.767	361.297	13.012	0,4	-7,8	-8,1
Maçã	17.124	634.436	37.050	17.839	620.841	34.802	4,2	-2,1	-6,1
Mandioca	80.342	1.302.929	16.217	78.905	1.191.202	15.097	-1,8	-8,6	-6,9
Milho	1.099.541	5.772.422	5.250	1.007.106	3.155.061	3.133	-8,4	-45,3	-40,3
Soja	4.074.829	11.717.548	2.876	4.156.095	5.945.243	1.430	2,0	-49,3	-50,3
Trigo	932.360	2.744.936	2.944	961.502	1.866.254	1.941	3,1	-32,0	-34,1
Uva	49.197	830.286	16.877	49.900	840.251	16.839	1,4	1,2	-0,2

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (2011, 2012a).

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 7

Exportações, segundo os principais setores de atividade, do Rio Grande do Sul — 2011 e 2012

SETORES E PRODUTOS	2011		2012		VARIAÇÃO %		
	Valor (US\$ 1 000)	Participa- ção %	Valor (US\$ 1 000)	Participa- ção %	Valor	Volume	Preço
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal							
florestal	3.633.635	18,7	2.704.690	15,6	-25,6	-28,2	3,6
Soja em grão	2.965.719	81,6	1.980.263	73,2	-33,2	-	-
Demais produtos	667.916	18,4	724.427	26,8	8,5	-	-
Indústria de transformação	15.570.662	80,1	14.386.163	82,7	-7,6	-7,4	-0,2
Produtos alimentícios e bebidas	4.940.344	31,7	4.532.769	31,5	-8,2	-9,6	1,4
Químicos	2.340.393	15,0	2.047.395	14,2	-12,5	-5,9	-7,0
Fumo	1.879.359	12,1	2.218.197	15,4	18,0	16,8	1,1
Máquinas e equipamentos	1.627.229	10,5	1.444.057	10,0	-11,3	-14,5	3,8
Veículos automotores, reboques e carrocerias	1.250.254	8,0	1.161.062	8,1	-7,1	-5,2	-2,0
Couros e calçados	1.234.375	7,9	909.541	6,3	-26,3	-25,6	-1,0
Borracha e plástico	347.185	2,2	308.865	2,1	-11,0	-16,8	7,0
Produtos de metal	344.236	2,2	364.451	2,5	5,9	-4,2	10,5
Móveis e indústrias diversas	311.823	2,0	299.388	2,1	-4,0	-5,0	1,0
Refino de petróleo	216.179	1,4	120.120	0,8	-44,4	-54,9	23,1
Demais subsetores	1.079.284	6,9	980.318	6,8	-9,2	-	-
Outros setores	222.797	1,1	294.871	10,9	32,3	-	-
TOTAL	19.427.095	100,0	17.385.724	100,0	-10,5	-11,1	0,6

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex (Brasil, 2013).
FEE (2011, 2012).

Tabela 8

Taxa de crescimento da produção da indústria de transformação, por atividade, do Rio Grande do Sul e do Brasil — 2011 e 2012

ATIVIDADES	(%)		
	RS		BRASIL
	2011	2012	2012
Alimentos	3,7	-9,9	-1,3
Bebidas	1,3	3,8	1,3
Borracha e plástico	-7,5	-4,8	-1,5
Calçados e artigos de couro	-6,6	-9,8	-3,6
Celulose, papel e produtos de papel	-4,0	-3,8	1,2
Edição, impressão e reprodução de gravações	1,5	5,6	-4,9
Fumo	14,6	-12,7	-13,3
Máquinas e equipamentos	10,5	12,9	-3,7
Metalurgia básica	-8,5	-19,0	-4,1
Mobiliário	2,2	2,7	0,7
Outros produtos químicos	1,2	-3,4	3,5
Produtos de metal - exclusive máquinas e equipamentos	4,5	-5,8	-2,3
Refino de petróleo e álcool	-3,3	1,8	4,9
Veículos automotores	4,1	-17,3	-13,6

FONTE: IBGE (2012b, 2012c).

Tabela 9

Saldo entre admissões e demissões, total e por setores de atividade, e suas variações percentuais no Rio Grande do Sul — 2011 e 2012

SETORES	2011		2012	
	Saldo	Variação %	Saldo	Variação %
Agropecuária	1.489	1,8	958	1,1
Extrativa mineral	433	6,4	126	1,8
Indústria de transformação	21.443	3,0	4.343	0,6
Construção civil	11.809	10,1	8.442	6,1
Serviços industriais de utilidade pública	360	1,4	-248	-0,9
Serviços	55.071	6,6	46.416	5,2
Comércio	33.083	6,2	22.264	3,9
Administração pública	-201	-0,4	276	0,6
TOTAL	123.487	5,2	82.577	3,3

FONTE: MTE (Brasil, 2011, 2012).

NOTA: A variação percentual é calculada a partir dos dados do saldo do ano em relação ao estoque do ano anterior.

Tabela 10

Taxas de crescimento do volume de vendas das atividades do comércio no Rio Grande do Sul — 2011 e 2012

ATIVIDADES	(%)	
	2011	2012
Combustíveis e lubrificantes	5,6	-1,2
Hiper, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	1,5	14,0
Tecidos, vestuário e calçados	10,1	2,3
Móveis e eletrodomésticos	15,3	9,1
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	10,1	5,4
Livros, jornais, revistas e papelaria	-4,8	-0,7
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	5,9	13,8
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	3,9	5,8
Veículos, motocicletas, partes e peças	3,2	7,1
Material de construção	19,6	12,9

FONTE: IBGE (2012d).

5 Breve comparação entre as estiagens de 2005 e 2012

Embora a estiagem de 2012 tenha tido um impacto direto, via agropecuária, muito grande sobre a economia, os efeitos indiretos sobre os outros setores foram amortecidos (Tabela 11). Foi muito diferente do que havia ocorrido em 2005, ano da última grande estiagem no Estado. Naquele ano, a influência negativa vinda do Setor Primário impactou severamente a indústria e os serviços. Conforme pode ser observado na Tabela 11, em 2005, o setor serviços cresceu apenas

0,2% no Estado, enquanto, na média nacional, o crescimento foi de 3,7%. Em 2012, os serviços apresentaram um bom resultado, com aumento de 2,6%, ante a expansão de 1,7% nacionalmente. Quanto à indústria, em 2005, a queda do setor no Estado, além de ser maior (-4,1%), foi no sentido oposto do nacional, que cresceu 2,1%. Já em 2012, embora a do Rio Grande do Sul tenha apresentado queda de 2,3%, tal resultado negativo foi acompanhado pelo Brasil. Em suma, apesar da forte redução da atividade agropecuária em 2012, o desempenho dos demais setores não se mostrou muito divergente do seu desempenho em nível nacional. Ao contrário do que aconteceu em 2005.

Tabela 11

Taxas de crescimento do PIB e do VAB dos principais setores de atividade do Rio Grande do Sul e do Brasil — 2005 e 2012

DISCRIMINAÇÃO	(%)			
	2005		2012	
	RS	Brasil	RS	Brasil
PIB	-2,8	3,2	-1,8	0,9
VAB				
Agropecuária	-17,4	0,3	-27,6	-2,3
Indústria	-4,1	2,1	-2,3	-0,8
Transformação	-5,2	1,2	-4,5	-2,5
Serviços	0,2	3,7	2,6	1,7
Comércio	-2,3	3,5	1,3	1,0

FONTE: FEE, Centro de Informações Estatísticas, Núcleo de Contas Regionais (FEE, 2011a, 2012a).
IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais (IBGE, 2012).

O comportamento favorável dos preços agrícolas explica, em parte, o impacto reduzido da estiagem sobre a indústria e os serviços. Se, em 2005, a redução nas quantidades produzidas foi acompanhada de uma queda nos preços, em 2012 os preços dos principais produtos sustentaram-se em níveis bastante elevados (Tabela 12). A dinâmica dos preços contribuiu para reduzir a perda de renda dos produtores em 2012, apesar da forte retração na quantidade produzida. Ademais, a estiagem de 2012 sucedeu três safras boas, sendo a última, de 2011, recorde. Os produtores estavam, portanto, capitalizados para enfrentar um ano de colheita abaixo da expectativa. O mesmo não havia ocorrido em 2005. A redução da produção e dos preços naquele ano se seguiu à estiagem de 2004.

Tabela 12

Preços e variação de preços de produtos agrícolas selecionados e deflator implícito do PIB do Rio Grande do Sul — 2004-05 e 2011-12

PRODUTOS	VALOR (R\$)		Δ%	VALOR (R\$)		Δ%
	2004	2005		2011	2012	
Arroz	31,3	20,5	-34,5	21,8	30,0	37,8
Fumo	69,1	69,9	1,2	65,3	99,7	52,5
Milho	18,7	18,2	-3,0	24,9	26,6	6,8
Soja	39,2	27,9	-28,8	42,6	58,9	38,3
Deflator implícito do PIB	-	-	7,7	-	-	7,6

FONTE: FEE (2011a, 2012a, 2013).
IBGE (2012).
Emater-RS (2004, 2005, 2011, 2012).

A manutenção, em parte, da renda do produtor manteve aquecido o comércio ligado ao Setor Primário. O mesmo valeu para os gastos com investimento. A atividade de máquinas e equipamentos, cuja princi-

pal atividade no Estado é a produção de tratores e máquinas agrícolas, expandiu-se 12,9% em 2012. Em 2005, esta atividade tinha apresentado queda de 19,1%.

6 Considerações finais

Em 2012, ocorreu um processo de desaceleração do crescimento, que atingiu tanto o Brasil quanto o Rio Grande do Sul. Entretanto, enquanto o PIB do Brasil ainda registrou expansão, de 0,9%, o do Estado apresentou queda de 1,8%. A diferença fundamental que explica a descolagem da economia regional da nacional foi a forte retração da agropecuária gaúcha, atingida por uma severa estiagem.

Confirmou-se, mais uma vez, a importância do desempenho da agricultura na economia gaúcha. A boa notícia, no entanto, foi que o impacto, em 2012, da quebra da safra sobre os outros setores econômicos foi menos intenso do que o registrado em 2005, ano da última grande estiagem. Preços em alta e boa capitalização dos produtores foram fatores que impediram, pelo menos em parte, que a menor produção de grãos afetasse mais fortemente a indústria de transformação e o comércio.

Referências

ASSOCIAÇÃO RIOGRANDENSE DE EMPREENDIMENTOS DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL (EMATER/RS). **Informações Agropecuárias:** Preços Semanais 2004. 2004. Disponível em: <<http://www.emater.tcche.br/site/servicos/informativos.php>>. Acesso em abr. 2013.

ASSOCIAÇÃO RIOGRANDENSE DE EMPREENDIMENTOS DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL (EMATER/RS). **Informações Agropecuárias:** Preços Semanais 2005. 2005. Disponível em: <<http://www.emater.tcche.br/site/servicos/informativos.php>>. Acesso em abr. 2013.

ASSOCIAÇÃO RIOGRANDENSE DE EMPREENDIMENTOS DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL (EMATER/RS). **Informações Agropecuárias:** Preços Semanais 2011. 2011. Disponível em: <<http://www.emater.tcche.br/site/servicos/informativos.php>>. Acesso em abr. 2013.

ASSOCIAÇÃO RIOGRANDENSE DE EMPREENDIMENTOS DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL (EMATER/RS). **Informações Agropecuárias: Preços Semanais 2012**. 2012. Disponível em: <<http://www.emater.tche.br/site/servicos/informativos.php>>. Acesso em abr. 2013.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC). **SECEX**. 2013. Disponível em: <<http://alicesweb2.mdic.gov.br/>>. Acesso em: fev. 2013.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados 2011**. 2011. Disponível em: <<http://bi.mte.gov.br/eec/pages/consultas/evolucaoEmprego/consultaEvolucaoEmprego.xhtml#relatorioSetor>>. Acesso em abr. 2013.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados 2012**. 2012. Disponível em: <<http://bi.mte.gov.br/eec/pages/consultas/evolucaoEmprego/consultaEvolucaoEmprego.xhtml#relatorioSetor>>. Acesso em abr. 2013.

CALDAS, B. B. O desempenho das exportações gaúchas em 2012. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 40, n. 4, p. 51-60, 2013.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). **Estatísticas exportações 2011**. 2011. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas/>>. Acesso em: fev. 2013

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). **Estatísticas exportações 2012**. 2012. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas/>>. Acesso em: fev. 2013

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). **FEE Dados**. 2013. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/sel_modulo_pesquisa.asp>. Acesso em: abr. 2013.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). **PIB-RS 2011**. 2011a. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/pt/content/estatisticas/pg_pib.php>. Acesso em: abr. 2013.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). **PIB-RS 2012**. 2012a. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/pt/content/estatisticas/pg_pib.php>. Acesso em: abr. 2013.

INFORME PED-RMPA: Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre. Porto Alegre: FEE, v. 21, n. esp., jan. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Contas Nacionais Trimestrais 2012**. 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/pib/defaultcnt.shtm>>. Acesso em: abr. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola 2012**. 2012a Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/lspa/default.shtm>>. Acesso em: abr. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Agrícola Municipal 2011**. 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pam/2011/default.shtm>>. Acesso em: abr. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física: Brasil: 2012**. 2012b. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/pimpfbr/default.shtm>>. Acesso em: abr. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física: Regional: 2012**. 2012c. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/pimpfregional/default.shtm>>. Acesso em: abr. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Mensal do Comércio: 2012**. 2012d. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/comercio/pmc/default.shtm>>. Acesso em: abr. 2013.

LAZZARI, M. Economia gaúcha em 2011: desaceleração na indústria e nos serviços e recorde na agropecuária. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 43-56, 2012.

RELATÓRIO DE INFLAÇÃO. Brasília, DF: BACEN, v. 15, n. 1, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 3 maio 2013.

